



FACULDADE DO FUTURO

SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DE MANHUAÇU

**A OBRA O CORTIÇO E A RELAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM  
CONTEXTO DE VULNERABILIDADE**

**THE WORK CORTIÇO AND THE RELATIONSHIP OF FEMALE  
IDENTITY IN A CONTEXT OF VULNERABILITY**

**EL TRABAJO CORTIÇO Y LA RELACIÓN DE LA IDENTIDAD  
FEMENINA EN UN CONTEXTO DE VULNERABILIDAD**

Evellin Almerinda de Oliveira

Julcielly Santiago de Rezende

Lorena Tostes Ferreira

**Manhuaçu**

**2022**



FACULDADE DO FUTURO

SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DE MANHUAÇU

Evellin Almerinda de Oliveira

Julcielly Santiago de Rezende

Lorena Tostes Ferreira

**A OBRA O CORTIÇO E A RELAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM  
CONTEXTO DE VULNERABILIDADE**

**THE WORK CORTIÇO AND THE RELATIONSHIP OF FEMALE  
IDENTITY IN A CONTEXT OF VULNERABILITY**

**EL TRABAJO CORTIÇO Y LA RELACIÓN DE LA IDENTIDAD  
FEMENINA EN UN CONTEXTO DE VULNERABILIDAD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Banca Examinadora do Curso de Psicologia da Faculdade do Futuro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Liliane Hott Batista.

**Manhuaçu**

**2022**

Evellin Almerinda de Oliveira

Julcielly Santiago de Rezende

Lorena Tostes Ferreira

**A OBRA O CORTIÇO E A RELAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA  
EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE**

**THE WORK CORTIÇO AND THE RELATIONSHIP OF FEMALE  
IDENTITY IN A CONTEXT OF VULNERABILITY**

**EL TRABAJO CORTIÇO Y LA RELACIÓN DE LA IDENTIDAD  
FEMENINA EN UN CONTEXTO DE VULNERABILIDAD**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Liliane Hott Batista**

**(Orientadora)**

---

**Prof. Juliana Márcia da Fonseca Xavier**

**(Examinador 1)**

---

**Prof. Kilza Horst da Fonseca**

**(Examinador 2)**

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos esse trabalho a todas as mulheres participantes do grupo, que confiaram a nós, de alguma forma partes de suas vidas. Elas com certeza nos afetaram em vários momentos, mais do que imaginam, nos fazendo perceber a grandiosidade da nossa atuação enquanto psicólogos na comunidade. Sem elas não seria possível realizar esse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me capacitado e fortalecido para chegar até aqui. Agradeço aos meus pais André e Nilda, que me apoiaram desde o início e sempre me motivaram a continuar e por terem acreditado em mim. Sou grata também a minha irmã caçula Francielly, que me apoiou em momentos difíceis nesse processo. Não posso deixar de agradecer meu marido Caíque, por ter sido meu companheiro para que eu viesse a concluir esse sonho. Gratidão aos meus professores pelos ensinamentos, a Nathália Murta que me incentivou e ensinou muito, a minha orientadora Liliane Hott por seu tempo, dedicação e amor incomparáveis e às minhas amigas Evellin e Lorena pelo companheirismo desde o início, obrigada por fazerem parte dessa jornada comigo. E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

**Julcielly Santiago de Rezende**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo dessa trajetória muitos foram os desafios superados. Cinco anos de esforço e dedicação. Comemoro esta vitória, mas não sozinha, pois assim não teria conseguido. Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora da Aparecida, por ter me abençoado e me capacitado a chegar até aqui. Meu futuro começou a ser trilhado há 5 anos quando meu pai Geraldo, apostou todas as fichas em mim. Enquanto fui sonho, você foi minha âncora e nunca duvidou da minha capacidade. À minha mãe Rosângela que me fez forte, agradeço por todas as orações e amor dedicado a mim. Agradeço as minhas irmãs Eva e Elisângela por todo cuidado e suporte durante essa jornada; sem vocês nada disto seria possível. A todos os amigos e familiares que demonstraram apoio e carinho ao longo desses anos, obrigada. Também agradeço aos que se fizeram família e foram cruciais nessa jornada. Ao meu saudoso avô Dilermando (in memoriam) que sempre acreditou que eu tinha potencial e a todos os professores e supervisores que contribuíram grandemente para o meu crescimento profissional, transmitindo a mim não somente teorias, mas também a ética, a dedicação e o amor no que se faz: muito obrigada!

*“Até aqui nos ajudou o Senhor” 1 SAM 7:12*

**Evellin Almerinda de Oliveira**

## **AGRADECIMENTOS**

Chegou ao fim mais um ciclo em minha vida, e ao mesmo tempo mais um começo. Novos desafios, oportunidades e conquistas. A este ciclo que se encerra, apenas gostaria de agradecer por tudo que aprendi ao longo desse percurso, erros e acertos, que foram essenciais na construção de quem eu sou hoje. Eu dedico essa conquista à minha mãe Sônia e minha irmã Lara, que estiveram comigo durante todo esse processo. Minha mãe que nunca mediu esforços para me ajudar e fez de tudo para que esse sonho fosse possível, lutou minhas batalhas comigo e minha irmã, que sempre me acolhe e está comigo pra tudo, sempre me fortalecendo e me lembrando de quem eu sou e do que faz sentido. Eu amo vocês! Dedico ainda em especial, ao meu pai Luiz (in memoriam) que sempre acreditou em mim e sonhou esse sonho comigo. Sei que de alguma forma ele estaria orgulhoso. Eu te amo, pai. Agradeço a Deus, por ter me permitido viver esse sonho e por ter colocado pessoas tão especiais em meu caminho, amigos, família e professores, em especial a nossa orientadora Liliane Hott que me fez ver a psicologia com leveza e como potência transformadora na vida das pessoas. Agradeço ainda as minhas amigas e companheiras Evellin e Julcielly por terem trilhado esse trajeto comigo. Por fim, espero ter coragem e ser ousada para ir atrás dos meus objetivos e lutar pelo que acredito, afinal, o que a vida quer da gente é coragem. E que a psicologia continue me transformando como tem feito desde o início da faculdade.

**Lorena Tostes Ferreira**

*“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”*

*Guimarães Rosa*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva relatar a experiência do estágio profissionalizante no centro de apoio à família (CAF), na cidade de Manhuaçu – MG. Partindo do pressuposto do trabalho com grupos como meio de intervenção psicossocial no contexto da promoção a saúde, buscou-se atrelar a relação da vulnerabilidade social com a construção da identidade feminina por meio da analogia com a obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo. Trata-se de uma revisão bibliográfica que utilizou como foco a experiência de estágio. Sendo assim, buscou-se através do trabalho com grupos promover autonomia, pertencimento e representatividade. Por fim, cabe reafirmar o compromisso social da psicologia que visa potencializar os indivíduos, de modo que estes se percebam como sujeitos ativos, participantes e visíveis na sociedade, capazes de promover transformação social.

**Palavras chave:** Psicologia; Identidade; Vulnerabilidade; Grupo

## ABSTRACT

The present work aims to report the experience of the professional internship at the family support center (CAF), in the city of Manhuaçu - MG. Based on the assumption of working with groups as a means of psychosocial intervention in the context of health promotion, we sought to link the relationship between social vulnerability and the construction of female identity through the analogy with the work “O Cortiço” by Aluísio Azevedo. This is a literature review that focused on the internship experience. Therefore, it was sought through work with groups to promote autonomy, belonging and representativeness. Finally, it is worth reaffirming the social commitment of psychology that aims to empower individuals, so that they perceive themselves as active subjects, participants and visible in society, capable of promoting social transformation.

**Keywords:** Psychology; Identity; Vulnerability; Group

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo relatar la experiencia de la pasantía profesional en el Centro de Apoyo a la Familia (CAF), en la ciudad de Manhuaçu - MG. Partiendo del supuesto del trabajo con grupos como medio de intervención psicossocial en el contexto de la promoción

de la salud, buscamos vincular la relación entre la vulnerabilidad social y la construcción de la identidad femenina a través de la analogía con la obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo. Esta es una revisión de la literatura que se centró en la experiencia de pasantía. Por lo tanto, se buscó a través del trabajo con grupos promover la autonomía, la pertenencia y la representatividad. Finalmente, cabe reafirmar el compromiso social de la psicología que pretende empoderar a los individuos, para que se perciban como sujetos activos, partícipes y visibles en la sociedad, capaces de promover la transformación social.

**Palabras llave:** Psicología; Identidad; Vulnerabilidad; Grupo

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAF	Centro de Apoio a Família
FUMAPH	Fundação Manhuaçuense de Promoção Humana
HIV	Human Immunodeficiency Virus/ Vírus da Imunodeficiência Humana
NPA/FAF	Núcleo de Psicologia Aplicada da Faculdade do Futuro
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
SPA/FAF	Serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade do Futuro

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Conceito de vulnerabilidade .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Vulnerabilidade e desigualdade social no contexto brasileiro : uma alusão         com a obra “O cortiço” .....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 O sujeito e sua relação com o meio social .....</b>	<b>15</b>
<b>2.4 O processo de identidade feminina frente a vulnerabilidade social .....</b>	<b>16</b>
<b>2.5 Grupos como intervenção psicossocial.....</b>	<b>17</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>4. O ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1 Caracterização do estágio profissionalizante.....</b>	<b>19</b>
<b>5. DISCUSSÃO E RESULTADOS .....</b>	<b>21</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Dos processos inerentes a uma economia globalizada, existem diversas situações que evidenciam que os indivíduos não se encontram integrados pelos princípios de cidadania plena. Em virtude da desigualdade social muitos se encontram em situações de vulnerabilidade e não vivenciam seus direitos básicos concretizados. Diante disso, a sociedade se consolida em desigualdade, que por sua vez gera incertezas e medo. O medo não somente das violações recebidas, mas do que é capaz de transformar indivíduos em seres descartáveis e invisíveis na sociedade (GABATZ, 2015).

Compreender o campo que se instaura nas desigualdades sociais ajuda na percepção de como a construção subjetiva de um indivíduo é modificada em contato com o espaço no qual esse está inserido. As desigualdades advindas dos diversos processos sócio-históricos que perpassam a sociedade, podem determinar até onde cada sujeito pode chegar, até onde cada indivíduo é criador de sua própria existência, que sofre os impactos do contexto que está inserido. (ALMEIDA, et. al, 2021)

Embasado entretanto nas premissas da psicologia social crítica, que busca integrar o sujeito e olhar para esse como agente transformador de mudança social, é possível construir novos contornos de atuação da psicologia junto às políticas públicas, como forma de potencializar o indivíduo e promover saúde mental em comunidades menos favorecidas em seus direitos básicos, evidenciando o compromisso social da psicologia.

Conforme Mercês (1999) o psicólogo hoje, pode pensar sua maneira de intervenção sendo ela mais ampla, quando se trata de promoção à saúde da comunidade. Ou seja, compreender o sujeito como ampliador de conhecimento e sua compreensão sobre a realidade que o cerca, sendo capaz de realizar intervenção, transformação, atuação, modificação da realidade.

Assim, esse trabalho pautou-se em compreender o processo de identidade de mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social, a sua autopercepção e compreensão do lugar onde essas estão inseridas, e como o espaço interfere nessa construção. Com isso, pretendeu-se explorar como os indivíduos inseridos em contextos de vulnerabilidade social se percebem e percebem o seu meio, como a construção da identidade está atrelada a situações vivenciadas, como o contexto social interfere nesse processo e qual o papel da psicologia e sua ocupação nesses espaços.

Para facilitar a compreensão do trabalho, optou-se por separá-lo em subcapítulos. Dessa forma, buscou-se primordialmente conceituar a vulnerabilidade e atrelar a vulnerabilidade social ao contexto de desigualdade marcado pela construção da sociedade brasileira. Os subcapítulos que seguiram foram dedicados a relacionar a construção do sujeito ao meio social inserido. Há ainda um subcapítulo destinado a intervenção psicossocial com grupos. Em seguida foi relatado a experiência realizada com o estágio com grupos de mulheres, discorrido no capítulo resultados e discussão, além da metodologia e conclusão.

O estudo procurou enfatizar o relato de experiência prática e intervenção psicossocial realizada com grupos. Como meio principal de intervenção, foi utilizada a obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, que retrata a engrenagem social, a identidade, autopercepção e pertencimento do grupo. Com isso, buscou-se reafirmar as práticas da psicologia e seu compromisso enquanto potência de transformação social e além de tudo promover saúde mental na comunidade.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Conceito de vulnerabilidade**

O termo vulnerabilidade surge no cenário de epidemia da Aids/ HIV, em 1980, ligando-a em um conceito epistemológico, referindo-se a uma gama de fatores associados à ação patogênica do vírus. No entanto, o conceito faz uma relação ao processo de saúde, resultado da hereditariedade da epidemia da aids/ HIV e a movimentação dos direitos humanos (SCOTT et. al, 2018).

Essas condições levaram o termo a ser inserido em debates da saúde pública, ganhando mais destaque e impulsionando para além da concepção epidemiológica a outros fatores relacionados ao risco. Ser vulnerável nesse contexto sustenta a ideia de frágil, exposto, desprotegido e desamparado em todos os âmbitos, desde a qualidade da saúde até o serviço. Assim, tal temática chama a atenção de políticas públicas específicas de auxílio e empenho de garantia de direitos (AYRES et al. 2009).

Para Alves (1994), citado por Ayres (et al. 2009), o termo vulnerabilidade direciona a grupos e indivíduos fragilizados jurídica ou politicamente na proteção, promoção e garantia de direitos enquanto cidadãos. Diante disso, é visível associar vulnerabilidade a grupos

pertencentes a classes mais pobres e marginalizadas. Contudo, apesar de relevante, a questão econômica não é única e necessariamente determinante (CARMO e GUIZARDI, 2018).

Com isso Carmo e Guizardi (2018) associam a vulnerabilidade a violação de direitos, uma vez que, devido ao acesso a renda e condições precárias em que alguns indivíduos se encontram, os sujeitos ficam privados ou tem mais dificuldades em acessar os meios de superação das vulnerabilidades que esses vivenciam, sendo esses meios materiais ou capacidades abstratas como a liberdade, autorrespeito e autonomia.

Como efeito, as situações de vulnerabilidade podem estar ligadas direta ou indiretamente às manifestações de um indivíduo ou grupo, enquanto ativo e pertencente a um determinado lugar que influencia e é influenciado, podem assim, afetar sua própria percepção do self, identidade e representação.

Segundo a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), o termo vulnerabilidade social se direciona a indivíduos que se encontram em condições:

[...] decorrentes da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos), e/ou fragilização de vínculos afetivos – relacionados ou de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, entre outras) (BRASIL, 2005, p. 33).

A vulnerabilidade social portanto, está atrelada a desigualdade frente a meios e serviços e situações que descumpram os direitos de cidadania e bem estar dispostos no artigo 6º da Constituição Federal, como direitos sociais a educação, saúde, moradia, lazer, segurança, alimentação etc. (BRASIL, 1998).

## **2.2 Vulnerabilidade e desigualdade social no contexto brasileiro : uma alusão com a obra “O cortiço”**

A construção da sociedade brasileira foi marcada por estruturas de poder e repressão contra classes ditas inferiores, tendo a desigualdade social como uma das marcas mais fortes, constituindo-se historicamente desde o tempo da colonização (CAMPOS et al. 2004; MEDEIROS, 2005 apud MELSERT e BOCK, 2015).

O livro “O cortiço” de Aluísio de Azevedo, escrito em 1890, retrata as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro da época, mostrando a gritante desigualdade social que se instaura

por consequência de fatores antecedentes. Mediante a isso, é possível atrelar a obra a contextos vividos na sociedade moderna.

Com o rápido crescimento da cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, a cidade se viu à volta de doenças e miséria sem qualquer infraestrutura. Com isso, surgem as ideias de higienização, “[...] higienização que será entendida como material e moral” (BOCK, 2004, p.1). Esse processo buscava uma sociedade livre de desordem, onde a ideia seria “limpar a cidade” e com isso os pobres que ali estavam. Desse movimento que se dá origem às periferias, os cortiços.

A obra “O cortiço” traz uma exímia representação da realidade brasileira no século XIX, onde a desigualdade social é vista como um tema muito explorado, na qual é reforçada por meio das diferenças sociais e históricas dos indivíduos envolvidos no romance. Retrata, portanto, não somente a conjuntura social de desigualdade da época, como também enfatiza os reflexos dessa estrutura na sociedade moderna.

Kowarick (2002 apud Cançado; Souza; Cardoso, 2014) aponta que com o fenômeno da urbanização surgem as populações marginais, concentrando-se nas periferias dos grandes centros urbanos, e com isso, submetidos a perversos processos de desclassificação social, o que o autor aponta como processo de vulnerabilização.

“[...] entender a vulnerabilidade nas grandes metrópoles requer perpassar os processos de periferização e segregação espacial, sobretudo da população de baixa renda[...] a expansão urbana caminhou juntamente com a segmentação e a diferenciação social, demográfica, econômica e ambiental. O adensamento excessivo de áreas marcadas por precária infraestrutura tem gerado a baixa qualidade de vida dessa população e sua periferização[...] (CANÇADO; SOUZA; CARDOSO, 2014, p. 15).

Todavia, a pobreza e a exclusão se manifestam frente a desigualdade social, discutida no aspecto da vulnerabilidade social. Assim, “[...]favelas, cortiços e loteamentos clandestinos aparecem como testemunhas da dinâmica excludente[...]” (KOWARICK, 1985 apud VERAS, 2014, p. 35). Conforme aponta Gabatz (2015), a vivência real da exclusão e da vulnerabilidade acontece frente às dolorosas experiências e privações, ressaltando como a vulnerabilidade e a desigualdade social se configura um grande impasse da sociedade moderna.

### 2.3 O sujeito e sua relação com o meio social

O indivíduo, como ser social, é atravessado durante sua vida por uma série de fatores que influenciam na sua formação e esses fatores são marcas sociais que se configuram por meio dos processos culturais, como as leis, regras e ideologias de determinada população. Alinhando essa discussão, compreende-se a relação da vulnerabilidade social e da desigualdade na constituição da subjetividade (GONÇALVES, 2010 apud Almeida et al, 2021).

Como citado por Almeida et. al (2021), Gonçalves (2010) enfatiza que o sujeito carrega consigo desde seu nascimento referências sociais que embasam sua construção individual, uma vez que os contextos sociais já se encontram pré construídos. Portanto, as desigualdades e privação de direitos implicam na construção do sujeito, uma vez que, são promotoras de impactos na construção coletiva de indivíduos vindos de contextos mais vulneráveis tendo assim, suas potencialidades incapacitadas.

O estudo da dimensão subjetiva da desigualdade é importante, uma vez que, é possível olhar os sujeitos em sua relação com os outros, tal qual se constituem no mundo (MELSERT e BOCK, 2015). No entanto, compreende-se que é através do contexto histórico e cultural que o sujeito vai se desenvolver, por meio da relação dialética objetividade e subjetividade (Cambaúva e Tuleski, 2007 apud AITA e FACCI, 2011).

As conjunturas históricas da sociedade são resultantes das diferentes subjetividades, considerando que é perceptível sua constituição como consequentes de processos multideterminados, cheios de historicidades além disso, complexos. Portanto, existem vários fatores envolvidos na constituição de um ser, inclusive sua relação com os grupos envolvidos e o meio em que vive. Analisando o sujeito e sua construção através da perspectiva da psicologia sócio-histórica, o homem é sujeito ativo, social e histórico, logo, não podemos falar em história individual sem falar em história coletiva (GONÇALVES, 2010).

Nesse sentido, vale ressaltar a ideia de categorização social, relacionando principalmente com a necessidade de pertencimento social, visto que a relação com o grupo faz-se alusiva à sua própria identidade. Visto isso, o ser humano é essencialmente social, uma vez que está sempre em grupos e se relacionando com eles e estes por sua vez produzem sistemas de valores, crenças, normas, que atravessam o indivíduo (CARRETEIRO, 2014).

Carreteiro (2014) propõe que:

“O sujeito humano é criador de projetos, o que o leva a participar de sua cultura, de sua história e a ser sujeito de seu corpo. Participar de projetos, imaginá-los, sonhá-los,

realizá-los, elaborá-los, destruí-los, abandoná-los representa laborar na construção da civilização. Porém, tal participação é experimentada diferentemente pelos sujeitos (individual ou coletivo), pois ela inclui elementos do lugar social ocupado pelos mesmos” (CARRETEIRO, 2014, p.92-93).

## **2.4 O processo de identidade feminina frente a vulnerabilidade social**

A identidade é uma construção sócio - histórica, transformada constantemente na interação com o outro, fazendo com que tais papéis sejam desenvolvidos conjuntamente. Assim, tem-se seus significados na relação, além do conflito e transformação. (CAIXETA, BARBATO, 2004).

Para entender a identidade de uma pessoa, é preciso conhecer as representações sociais na qual esta está inserida, em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Entender a identidade feminina como uma variação dinâmica de papéis sociais exige ressignificar a história e os contextos que possibilitam tal construção da mulher através do tempo, além do conflito e transformação. Desse modo, no cotidiano da mulher, ela sempre estará presente na dança da vida (CAIXETA, BARBATO, 2004).

Em vários momentos da história, a sociedade delineou o comportamento feminino e assim, elaborou representações para as mulheres. Uma mulher que cresce em meio a representações sociais desfavoráveis e em meio a um contexto social de vulnerabilidade tem aspectos internos afetados e sua autoestima abalada. (D’ÁVILA, et.al, 2019).

Partindo da premissa de que os indivíduos constroem sua identidade social sobre definições de elementos históricos, culturais, é possível afirmar que ainda há distorções nos papéis sociais que são exercidos por mulheres, em decorrência do contexto histórico e social em que essas foram e são submetidas. (Saffioti, 2001 apud D’ÁVILA, et.al, 2019).

Em decorrência do contexto de vulnerabilidade social, sequelas profundas são deixadas nessas mulheres, principalmente em relação à sua autoestima e a sua reconstrução de identidade enquanto mulher. Nesse sentido a vulnerabilidade e a pobreza expostas as mulheres que vivem em contexto de vulnerabilidade não se limitam apenas a privação de renda, mas o acesso a serviço público, a dinâmica familiar, a possibilidade de obter um trabalho de qualidade e remuneração decente, existência de garantias legais e políticas (PINTO et al 2011).

A vulnerabilidade e a pobreza expostas as mulheres que vivem em contexto de vulnerabilidade não se limita apenas a privação de renda, mas o acesso a serviço público, a dinâmica familiar, a possibilidade de obter um trabalho de qualidade e remuneração decente,

existência de garantias legais e políticas. Sendo assim, a construção da identidade se dá por meio de ordenar significados para que os indivíduos se estabeleçam como atores sociais, colaborando para a construção do eu, assim, a identidade é formada por processos sociais e deriva a dialética entre sociedade e indivíduo (PINTO et al 2011).

Por fim, ainda convém ressaltar que o enfrentamento dessas situações faz com que excedam suas experiências negativas e encontrem forças para reconstruir suas trajetórias. Dessa forma, o que se desvelou nesse contexto, foram as manifestações da exclusão social na vida de mulheres que já são oriundas de famílias pobres, também transfiguradas de seu papel protetor pela miséria psicológica, física e emocional (PINTO et al 2011).

## **2.5 Grupos como intervenção psicossocial**

A psicologia comunitária utiliza-se do trabalho com os grupos, como meio de favorecer a formação da consciência crítica no sujeito, visando sua construção de identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos (FREITAS, 2015). A idealização do “ser histórico” para a psicologia social engloba os parâmetros ideológicos e de consciência que determinaram a atuação do ser humano na sociedade, colaborando a análise psicossocial juntamente a grupos, comunidades e instituições (NASCIUTTI, 2015).

O trabalho com grupos nos leva a afirmar a importância desse enquanto mecanismo de transformação de consciência, auto-reflexão e conhecimento da realidade comum (MARTINS, 2007). De acordo com Lane (2015), o objetivo principal do grupo é proporcionar o crescimento da consciência da comunidade através da participação dos indivíduos em grupos, levando esses a superar o individualismo e a fim de se unirem em atividades no intuito de mudarem seu cotidiano. "Promover o homem, integrando-o no meio em que vive" (Mortara, 1989: 72 apud LANE, 2015).

Diante disso, o psicólogo na comunidade trabalha com a linguagem e representações, com relações grupais e junto delas as emoções e afetos da sua subjetividade, para assim exercer sua ação ao nível da consciência, da atividade e identidade desses indivíduos (Lane, 1996, apud MARTINS, 2007).

Para Martins (2007), a práxis da psicologia nesse contexto deve promover atividades que sejam transformadoras da sociedade e um movimento de conscientização social, movimento esse que acontece em relação à interação com os outros. A psicologia deve

compreender os processos grupais que produzem as identidades e ao mesmo tempo produzem um sentido coletivo, através de determinantes históricos e sociais.

Guareschi (2015) propõe pensar o grupo enquanto as relações estabelecidas ali, uma vez que não havendo relações não se pode falar em grupo. Para isso, é preciso ter algo em comum “[...]e esse "comum" é a relação, que perpassa por todas, está presente em todas, fazendo essa "amarração" conjunta” (GUARESCHI,2015, p.69).

Ainda segundo Guareschi (2015), um resultado importante que deve ser referenciado com transparência ao definir o grupo a partir da definição de “relação”, é o panorama dinâmico e aberto que é exposto na análise e discussão dos grupos. Se é visível, então o grupo a partir de relações possui uma amplitude sobre a visão do que é um grupo, uma vez que, se ele se constrói por meio de relações, essas por sua vez, necessitam ser variáveis, sempre mutáveis.

A psicologia portanto, ocupa um importante papel no trabalho com grupos em comunidades e frente às políticas públicas. Compreender sua prática não somente enquanto clínica, mas também social é importante para se criar uma psicologia pautada no compromisso social, uma psicologia que responda às reais necessidades da população e de sua realidade (BOCK, 2008).

### **3. METODOLOGIA**

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a metodologia está relacionada à prática de compreender, estudar e avaliar, através de procedimentos, técnicas e métodos usados em uma pesquisa acadêmica. Esses, são aplicados ao estudo com o objetivo de examinar e descrever o processamento de informação que será resultante na resolução do problema levantado, provando a utilidade e validade do mesmo.

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, sendo o procedimento aplicado objetivando a procura do conhecimento por meio de pesquisa em materiais já publicados como livros, periódicos, fotos e documentos (PRAÇA, 2015) com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1993), o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica que utilizou como foco, além do grupo de pessoas específicas, um aspecto da realidade, para que houvesse uma pesquisa cujos objetivos são exploratórios.

As informações para realização da pesquisa e elaboração textual foram retiradas por meio de artigos de fontes confiáveis na Internet, como Scielo e Google Acadêmico. Diante disso, é possível compreender que as pesquisas “poderão vir a desempenhar um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas ou grupos implicados em situações problemáticas” (THIOLLENT, 1988, P.8). Os livros e artigos utilizados como referência e informações complementares estão dispostos em dois apêndices (A e B), localizados ao final do trabalho.

## **4. O ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE**

### **4.1 Caracterização do estágio profissionalizante**

O estágio profissionalizante em Prevenção e Promoção de Saúde foi realizado no CAF - Centro de Apoio à Família . O CAF é uma organização filantrópica de direitos privados, constituída por tempo indeterminado e sem fins lucrativos, cuja sede se encontra na avenida: Herval Cordovil, S/N, Nossa Senhora Aparecida, Manhuaçu – MG, CEP: 36900-000. Mantida atualmente pela Fundação Espírita de Manhuaçu, em consonância com a Fundação Manhuaçuense de Promoção Humana (FUMAP), suas oficinas e projetos são geridas por doações de pessoas Físicas e Jurídicas e bazares organizados pela própria instituição.

Os objetivos principais da instituição estão voltados à proteção à família, amparo a crianças e adolescentes carentes. A instituição desenvolve ações de inserção ao mercado de trabalho (cursos de manicure, informática, artesanato, pintura, maquiagem e a criação de laços), atividades de lazer para crianças e adolescentes tais como: capoeira, dança, fanfarra, boxe, jiu-jitsu e reforço escolar para as crianças como forma de maximizar o ensino para aqueles que apresentem algum tipo de dificuldade de aprendizagem e também medidas voltadas para a saúde da população como, atendimento médico e odontológico. Em média são atendidas 200 pessoas pela instituição que são assistidas entre diversas atividades propostas pelo Centro de Apoio à Família.

O serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade do Futuro – SPA/FAF – NPA/FAF é um segmento subsidiado jurídica e academicamente à SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DE MANHUAÇU LTDA, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 04.808.030/0001 -80, neste ato representada por seu Diretor-Presidente, Flávio José Ribeiro de Almeida, brasileiro, casado, portador da carteira de identidade MG-10.433.367, expedida pela SSP/MG, CPF nº

142.506.756.53, Mantenedora da FACULDADE DO FUTURO, Instituição de Ensino Superior, sediada na Rua: Duarte Peixoto, nº259, Bairro: Coqueiro, em Manhuaçu – MG, CEP:36.900-000. O NPA é uma clínica escola voltada para práticas do curso de Psicologia e o atendimento à comunidade de Manhuaçu e região. O Núcleo funciona no campus da instituição e foi preparado para oferecer os mais diversos tipos de atendimento psicológico por meio de estágios supervisionados pelos professores.

O SPA/ FAF tem por finalidade, portanto, gerir, coordenar e orientar a prestação de serviços em assistência psicológica nos segmentos educacional, social, jurídico e de saúde mental e saúde da comunidade por meio da instrução, capacitação, treinamento e qualificação técnica de futuros profissionais e profissionais de Psicologia nestes serviços. Trata-se, pois, de uma unidade profissionalizante do curso de Psicologia oferecido pela instituição, na qual de um lado, os alunos poderão aplicar, exercitar e aperfeiçoar o aprendizado teórico e técnico pertinente ao curso. De outro modo, o NPA/FAF funciona também enquanto unidade de referência no aperfeiçoamento, treinamento e atualização da qualificação em Psicologia.

O estágio profissionalizante com ênfase em promoção à saúde do 10º período de psicologia da Faculdade do Futuro foi realizado no bairro São Francisco de Assis, em Manhuaçu, MG. O estágio contou com a criação de um grupo terapêutico direcionado às mulheres da comunidade, sem distinção de faixa etária. Foi realizado o convite através do próprio CAF a mulheres que já participavam de atividades promovidas pela instituição como o “grupo de mulheres do artesanato” e as “mães da cozinha”. O convite foi realizado também mediante abordagem das mulheres na rua, distribuindo os convites e enfatizando a importância da presença de cada uma. Os encontros do grupo aconteceram todas às segundas feiras às 9:30 da manhã, com duração média de 1 h e 30 min em uma sala disponibilizada pelo CAF para a realização das atividades. Foram realizados 9 encontros. Vale ressaltar que os nomes das participantes serão mantidos em sigilo, como forma de preservar a identidade das mesmas.

O estágio com ênfase em saúde tem como objetivo a promoção de saúde mental na comunidade através de práticas de técnicas de dinâmica de grupo e atividades voltadas a demanda do grupo, considerando seus aspectos sociais, culturais, econômicos, visando atender as condições e o contexto em que a comunidade ou grupo em questão se encontra, através de intervenção psicossocial. De acordo com Sarriera e colaboradores (2000, p. 32), o objetivo principal da intervenção psicossocial é "possibilitar melhores condições humanas e de qualidade de vida". Portanto, podemos considerar a intervenção psicossocial como mecanismo que visa facilitar o bem estar psicossocial de indivíduos, grupos, instituições e comunidades, e

visa a interação do sujeito com o meio social onde este está inserido, buscando promover autonomia, reconhecimento de si e de seu meio, autoestima, acolhimento e escuta.

## 5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

As práticas do grupo terapêutico ocorreram nas segundas-feiras pela manhã no Centro de Apoio à Família (CAF). Tendo como público alvo mulheres de baixa escolaridade e nível socioeconômico, essas são residentes do Bairro São Francisco de Assis. A proposta do grupo de estágio foi baseada no desenvolvimento e empoderamento das participantes, tendo como objetivo a busca de compreensão de como as mulheres da comunidade se percebem e como o ambiente social ali envolvido influencia nessa percepção.

Sendo assim, buscou-se através de técnicas de dinâmica de grupo, atividades e oficinas, promover a interação das participantes, o reconhecimento de si e do grupo, além do pertencimento de espaço e a construção do vínculo. No entanto, vale salientar que a técnica é uma estratégia utilizada conforme a necessidade do grupo e serve como meio de linguagem do grupo, propicia a reflexão e leva os participantes a vivenciarem situações que devem ter a ver com a realidade deles (CRUZ e ABADE, 2014).

Ao todo foram 9 encontros, esses, foram distribuídos em rodas de conversa, troca de experiências e oficinas. Nas oficinas de intervenção psicossocial, a tentativa é que as temáticas levantadas pelo grupo sejam discutidas, principalmente a partir dos fragmentos de vida e da realidade que cerca seus participantes (CRUZ e ABADE, 2014). Foram levantadas pautas sobre autoestima, autopercepção, pertencimento, identidade, identidade feminina, vínculo e espaço embasado na compreensão das demandas que cada uma relatou, para isso, foi oferecido escuta e acolhimento.

O principal propósito foi promover saúde mental através das práticas realizadas nesse período, com o objetivo de desenvolver autonomia e um olhar crítico nas participantes, assim como trabalha a psicologia social crítica. Os encontros foram divididos em três momentos, sendo o primeiro destinado a construção do vínculo, o segundo focado na autopercepção das mulheres e o terceiro momento voltado ao reconhecimento de espaço do local onde elas residem.

O 1º encontro foi dedicado à apresentação do grupo e a finalidade do trabalho que seria desempenhado. Inicialmente foi realizada uma atividade “quebra gelo” com o intuito de construir um vínculo e a confiança do grupo. Cada participante falou um pouco sobre sua

história de vida, incluindo coisas que gostam de fazer e como se sentem.

No 2º encontro foi realizada uma atividade que buscava unir e fortalecer o vínculo entre as mulheres, uma vez que, o estabelecimento do mesmo é importante no trabalho com grupos. Foi apresentado a definição de grupo expondo semelhanças e diferenças entre todas as participantes. A técnica do barbante foi uma forma de mostrar que de algum modo elas estão ligadas entre si, já que enquanto grupo a principal função é de uma ajudar a outra e estabelecer uma parceria, mostrando que aquele grupo terapêutico seria um espaço de acolhimento, troca e cumplicidade.

O grupo pode ser entendido como um fenômeno em constante transformação, a partir das relações sejam elas estabelecidas entre seus membros ou entre o próprio contexto no qual ele ocorre. Dessa forma, as vivências e os processos internos de cada participante transformam o grupo como um todo (CARDOSO, 2009). Ao final, foi montado uma teia de barbantes no decorrer da prática, com o intuito de construir uma grande rede de apoio e as mulheres se expressaram sobre o que aquilo representava. Algumas falas do que foi percebido por elas mesmas com a atividade:

“Isso é uma teia” (D.F. 60)  
 “Se uma soltar desmonta”. Tá todo mundo ligado, junto”. (M.J.71)  
 “O grupo é todo mundo junto”. (V. 62)

Diante do fato exposto em relação à relevância do grupo e a representatividade das mulheres, pôde-se enfatizar aspectos semelhantes entre as mesmas, um deles é o de que todas são e se percebem como mulheres, uma vez que se entende que é no contexto grupal que nos identificamos e diferenciamos do outro e assim, se constrói a identidade (LANE, 2015).

"Uma outra coisa que nós todas temos em comum... nós não estudamos. Só estudei até a 4ª série". (R.M)  
 “Eu só fui até a 3ª série”. (V.62)  
 "Eu nunca fui à escola. Aprendi a ler sozinha". (M.J.71)  
 “Eu também nunca fui na escola”. (D.F.60)

Os encontros 3 e 4 foram destinados a falar sobre ser mulher e os desafios do dia a dia, abordando temas sobre autoestima, autopercepção e reconhecimento de si. Cada uma trouxe o que era ser mulher para ela:

"Ser mulher é trabalhar, ter várias responsabilidades" (V. 62)  
 “Ser mulher é ter sentimento” (R.M)  
 “Ser mulher é ajudar quem precisa” (D.F.60)  
 “É bom ser mulher hoje em dia porque hoje mulher pode estudar, pode votar... e

antigamente a mulher não podia” (R.M)  
 “Nem trabalhar a mulher podia” (V.62)

Dessa forma, levantou-se a discussão sobre a necessidade do empoderamento feminino e do poder de fazer suas próprias escolhas, visto que, mesmo com as conquistas adquiridas no decorrer da história, muitos direitos ainda são violados. Sendo assim, foi importante desenvolver senso crítico e autonomia nessas mulheres a fim de que sejam reflexo para as próximas. Ainda convém ressaltar que, muitas mulheres evidenciaram situações de abuso, negligência e impasses.

Com os relatos das mulheres é possível identificar que as mesmas foram vítimas de violência em seus mais variados aspectos, incluindo-se a violência “invisível”, que não deixa às vezes marcas exteriores, mas causa sequelas profundas em relação à sua autoestima e à busca ou reconstrução de sua identidade enquanto mulher (PINTO et. al, 2011).

“Sabe qual a dificuldade de ser mulher? Isso passou ano passado em mim... é quando a gente tá menstruada e não tem absorvente” (R.M)  
 “Às vezes acaba de secar a menstruação a pessoa te pega a força e fica grávida”(V.62)  
 “Param o carro pra te levar a força pro motel” (R.M)

Ao mesmo tempo em que elas compartilham vivências parecidas, cada uma vivencia sua individualidade enquanto mulher de formas diferentes e cada uma carrega consigo suas próprias experiências.

Quando os temas autoestima e autopercepção foram levantados, foi notável a baixa percepção sobre si e a dificuldade em expressar suas características para além de serem mulheres batalhadoras e fortes. O contexto de vulnerabilidade desde a infância contribuiu para tal impasse, problematizando a construção de identidade, individualidade e escolhas que foram deixadas de lado.

“Trabalhei muito nessa vida. Pelo tanto que eu trabalhei era pra eu estar acabada... até que não tô não” (D.F.60)  
 “Eu não tenho dinheiro pra comprar esses trem de batom, mas minha irmã manda pra mim” (V.62)

No 5º encontro foi discutido o contexto social em que estão inseridas e como elas identificam o lugar onde vivem. Através de uma atividade de recortes foi possível observar junto com as participantes o retrato do bairro, assim como aspectos positivos e negativos. E cada uma trouxe uma percepção do bairro:

“Violência aqui acontece. Muita gente matando gente. Por isso que eu fiquei com esse trauma, sabe?”

"Eu já passei muita fome. Eu acho que tem gente aqui que passa bastante fome, que vejo gente entregando cesta básica”

“Os meninos vêm aqui pro CAF e é bom, que eles estudam, eles têm alimento...”

“Muita gente vai na igreja” (D.F.60)

Com isso, iniciou-se a temática sobre o lugar onde elas vivem. No 6º, 7º e 8º encontros foi apresentada a obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo. Por meio da narração da história foi apresentado de forma lúdica o cortiço através de uma maquete montada pelas próprias autoras, representando o cortiço e seus personagens. O objetivo foi gerar uma reflexão a partir do livro e trazer representatividade com a obra, trabalhar a linguagem e as representações através das relações grupais e com as emoções e afetos, a fim de exercer a identidade dos indivíduos (LANE, 2015). A partir disso, cada participante se identificou com alguma coisa da história e foram assimilando semelhanças com o próprio bairro, sendo possível atrelar as formas de existência dos indivíduos e como essas são impactadas a partir de suas repercussões nos espaços inseridos. (ALMEIDA, et. al, 2021).

“O lugar do cortiço faz lembrar... as casas pertinho uma da outra, igualzinho aqui” (D.F.60)

“Essa Rita Baiana me lembra algumas pessoas(risos)” (V.62)

Se faz notório entretanto, a força da necessidade do pertencimento social, uma vez que a implicação emocional com relação ao grupo/ comunidade conduzem a nele investir sua própria identidade. “A imagem que temos de nós próprios encontra-se assim ligada àquela que temos de nosso grupo” (JODELET, 2014 P. 63)

Com isso pode-se levantar a discussão de que as pessoas em contextos vulneráveis não sofrem somente por privações fisiológicas, mas também afetivas. Sawaia(1999) propõe a ideia de sofrimento ético político, em que a ânsia de não pertencimento atravessado pela exclusão gera nesses indivíduos um sentimento de sujeitos não existentes da sociedade, invisíveis e impedidos de desenvolver seu potencial humano por conta da pobreza ou das restrições do contexto em que vivem (SAWAIA, 2014).

Veras (2014,p.47) aponta uma ótica que olha os excluídos como alguém da humanidade, privando-os de seus direitos, de relações sociais e até mesmo da própria integração de identidade. Algumas mulheres relataram as adversidades vivenciadas e as dificuldades de estarem onde elas estão e como a exclusão já as afetou de alguma forma.

“Já sofri muito trabalhando na casa dos outros de doméstica. Já passei fome, frio... trabalhei a troco de comida. Fui humilhada várias vezes” (D.F.60)  
 “O lado mais rico é mais fácil, o lado mais pobre é mais difícil viver né?” Os bairros mais ricos são diferentes. Não podia existir essa divisão né?” (D.F.60)

Com isso, o intuito de apresentar a obra *O cortiço* foi passar a ideia de representatividade e pertencimento, juntamente com a ideia de tornar o bairro melhor e mais agradável. Além de instigá-las a ter senso crítico de direitos e deveres enquanto cidadãs visíveis na sociedade, a fim de potencializar os indivíduos e contribuir para a atribuição de novos significados através da interação com o espaço e a cultura da comunidade, e é através dessa interação e diálogo que novos significados emergem (CAMPOS, 2015).

Além disso, foi possível perceber que as próprias mulheres não carregavam a percepção da desigualdade social existente na sociedade e que se encontra bastante visível na própria realidade em que elas estão inseridas. A partir da representação da obra *O cortiço* elas conseguiram perceber a desigualdade social e se questionarem. Além de literatura, a história contada de forma lúdica serviu como representação dos papéis sociais, gerando questionamentos sobre a estrutura da sociedade, onde o objetivo é exatamente esse, o de construir senso crítico e desenvolver sujeitos emancipados.

A partir disso, foi proposto e realizada a oficina de pintura, onde as participantes pintaram em panos de prato o cortiço do livro, como forma de finalizar o tema proposto e proporcionar um momento de criatividade, usado como ferramenta terapêutica, uma vez que através dela o sujeito tem um espaço para fala e escuta, na medida em que pode expressar sua angústia e falar de suas experiências, além de se identificar com situações similares a sua, compartilhar experiências e elaborar suas questões (CRUZ e ABADE, 2014).

Por fim, foi possível perceber com a prática do estágio, a capacidade de resiliência que essas mulheres desenvolveram ao longo da vida e como isso fez com que elas ressignificassem suas próprias histórias. A sobrecarga de papéis assumidos frente às dificuldades sociais, econômicas e de violência vivenciadas expõe uma face perversa da condição feminina, sobressaindo, por um lado, a baixa autoestima, as frustrações, os medos e anseios mas por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência (PINTO et.al, 2011).

“Tenho muito orgulho por ter passado por tanta coisa e ter vencido”  
 “Procuro pensar positivo e seguir em frente” (D.F.60)

A psicologia sócio histórica considera o homem como sujeito ativo, social e histórico (GONÇALVES, 2010), ou seja, uma vez inserido em determinado contexto social este

influencia e é influenciado pelo mesmo. Seria impossível contar a história de um indivíduo sem descrever o contexto e espaço social em que ele está inserido. Uma vez como ser ativo e participante da sociedade, o sujeito também se torna agente transformador de sua própria realidade. Dessa forma, “o homem se constrói ao construir seu mundo” (BOCK, 2004, p. 9).

O desempenho em psicologia busca exatamente compreender as necessidades vivenciadas naquele território, visando trabalhar de forma que, no decorrer do percurso os indivíduos se veem e se tornem protagonistas de suas próprias histórias e vivências, conscientes de seus direitos e envolvidos em buscar soluções para as situações vivenciadas (CAMPOS, 2015), criando autonomia e impulsionando o sujeito para que estes passem a se perceberem enquanto pertencentes e iguais em direitos e não como aquém a sociedade.

Com isso, o objetivo central do trabalho desempenhado pelo psicólogo em comunidade é a conscientização dos sujeitos para que esses alcancem o empoderamento, autonomia, a emancipação, para que assim, seja possível alcançar transformação social (SILVA e CORGOZINHO, 2011), sendo o que foi idealizado e almejado realizar com a prática do estágio em saúde e com o grupo de mulheres do CAF.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pretende-se com esse trabalho gerar questionamentos a respeito do papel da psicologia e de sua potência transformadora na vida das pessoas. Através do grupo terapêutico de mulheres do CAF foi possível perceber o quanto a psicologia se faz necessária e o como sua práxis é fundamental em contextos menos favorecidos socioeconomicamente, uma vez que, essa além de promover saúde mental, estimula e desenvolve os sujeitos, para que esses se tornem agentes transformadores do seu meio.

A partir disso, foi possível perceber a importância da representação social nesses espaços, que gera noção de pertencimento. Uma sociedade fundamentada na desigualdade social cria em indivíduos menos favorecidos noções de não pertencimento, de invisibilidade e o espaço inserido interfere na autopercepção, na identidade e nas vivências das pessoas. Diante disso, é necessário criar mecanismos que visam potencializar os indivíduos, de modo que estes se percebam como sujeitos ativos, participantes e visíveis na sociedade, sujeitos capazes de promover transformação social.

O sujeito é protagonista de sua própria história, todavia para que esse protagonismo aconteça de fato, é necessário políticas públicas comprometidas com o compromisso social e

pautadas na minimização das desigualdades.

Foi possível, com a prática do estágio em saúde realizado no CAF, perceber a grande necessidade da ocupação de um psicólogo na instituição e a importância que a psicologia exerce nesses espaços. Cabe, portanto, pensar em soluções e maneiras de inserir a prática da psicologia na comunidade, e cabe desenvolver mais projetos voltados a essa demanda.

É importante ressaltar a relevância de novos estudos como o realizado. É possível pensar em projetos futuros que possam atender toda a comunidade, homens, crianças e jovens, uma vez que as vivências mesmo que sejam as mesmas se manifestam de formas distintas em decorrência da faixa etária, gênero e raça. Logo, vale ressaltar a potência da psicologia para além dos consultórios e nosso dever e compromisso frente às demandas sociais, a fim de promover e democratizar os serviços de saúde mental para esferas onde a clínica não alcança, promover escuta, acolhimento e afeto, sobretudo.

Através da prática foi possível criar vínculos de afeto e autonomia nas mulheres participantes do grupo. O trabalho com grupos na comunidade foi extremamente rico de experiências, de vivências e afetos. Com isso fica a indagação: de que forma nós (profissionais e futuros psicólogos) estamos afetando as pessoas? De que forma a psicologia tem afetado as pessoas?

Esperamos ter contribuído e afetado as mulheres do Bairro São Francisco de Assis de alguma forma, assim como nós fomos afetadas por elas.

*“A psicologia só tem sentido se entender que está inserida na sociedade e a serviço dela” (Ana Mercês Bahia Bock).*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Intervenções Psicossociais na Comunidade: Desafios e Práticas**. São Paulo: Psicologia & Sociedade, 22 (1), 95-103, 2010.

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural**. Psicologia em Revista, v. 17, n. 1, p. 32-47, 2011.

ALMEIDA, Mateus Ferreira; PAULA, Pinto de, Mike Alexander; CARDOSO, Luiz Felipe Viana. **Os impactos da vulnerabilidade social na construção da subjetividade**. Psicologia e Saúde em debate, v. 7, n. 2, p. 48-65, 2021.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita et al. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Tradução . Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. . . Acesso em: 28 nov. 2022.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. Sílvia Lane e **o projeto do " Compromisso Social da Psicologia"**. Psicologia & Sociedade, v. 19, p. 46-56, 2007.

BORGES, Marcos Rodrigues; AMARAL, Alessander Freitas. **A desigualdade social e suas influências na subjetividade contemporânea**. Psicologia e Saúde em debate, v. 1, n. 2, p. 1-19, 2015.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. In: Bock, Ana Mercês Bahia et al., Org(s). 3.ed. Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez, p.15-35, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **O compromisso social da Psicologia: contribuições da perspectiva Sócio-Histórica**. Aracaju: Psicologia & foco, v.1, p.1-5, 2008.

BOCK, Ana Mercês. **A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la Psicologia atual**. Psicologia para América Latina, n. 1, p. 0-0, 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2004000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002).

Acesso em: 11 ago. 2022.

CRUZ, Jaíza Pollyanna Dias; ABADE, Flávia Lemos. **Intervenção psicossocial com oficinas em dinâmica de grupo: reflexões sobre o fazer com grupos de crianças e de adolescentes.** XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009. Disponível em: [http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/256.%20interven%C7%C3o%20psicossocial%20com%20oficinas%20em%20din%C2%BDmica%20de%20grupo.pdf](http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/256.%20interven%C7%C3o%20psicossocial%20com%20oficinas%20em%20din%C2%BDmica%20de%20grupo.pdf).

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. **O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social.** Cadernos de Saúde Pública, v. 34, 2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia.** Editora Vozes; 20ª edição, 2015.

CANÇADO, Taynara Candida Lopes; DE SOUZA, Rayssa Silva; DA SILVA CARDOSO, Cauan Braga. **Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social.** Anais do XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP, São Paulo, 2014.

CARDOSO, Claudia Lins. **Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades.** *Estudos e pesquisas em psicologia*, 2009, 9.1: 124-138.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. **Identidade feminina: um conceito complexo.** Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, p. 211-220, 2004.

CARRETEIRO, T.C. “A doença como projeto”- uma contribuição a formas de afiliações e desafiliações sociais. . In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DA SILVA, Elizângela Samara. **As entrelinhas da inclusão/exclusão social na atualidade: uma discussão conceitual.** 2011.

DE SOUSA, Esther Alves. Silvia Lane: **Uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia**

**Social no Brasil.** São Paulo: Temas em Psicologia, v. 17, n. 1, p. 225-245, 2009.

DA SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes; AMAZONAS, Maria Cristina L. de A. **Identidade feminina: engendrando espaços e papéis de mulher.** Revista de Psicologia da IMED, v. 1, n. 2, p. 192-200, 2009.

DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

D'ÁVILA, A.B. et. al. **A autoestima da mulher em situações de vulnerabilidade social: reflexões a partir da prática psicológica em um projeto social.** In: ARAÚJO, L.P. et. al.(org.). Psicologia, saúde e assistência social, Petrolina, UNIVASF, 2019, p. 89-101.

EUZÉBIOS FILHO, Antonio; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência.** Psicologia & Sociedade, v. 21, p. 35-44, 2009.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Inclusão social e cidadania.** In: 32ª International Conference on Social Welfare. Brasília. 2006.

FIGUEIREDO, Ivanilda; DE NORONHA, Rodolfo Liberato. **A vulnerabilidade como impeditiva/restritiva do desfrute de direitos.** Revista de direitos e garantias fundamentais, n. 4, p. 129-146, Vitória, 2008.

FARR, R.M. **As raízes da psicologia social moderna.** Tradução de P. A. Guaresch. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FILHO, Antonio Euzébios ; GUZZO, Raquel Souza. **Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência.** Psicologia & Sociedade, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/qbWzFRX4Qds7js3pyqqhkXK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GONÇALVES, Mariana Alves; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **Alguns apontamentos sobre a trajetória da Psicologia social comunitária no Brasil.** Psicologia: Ciência e

Profissão, v. 32, p. 138-153, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/rZkMzKDQPRXMmWKjvGMVwzc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2022.

GONÇALVES, Mariana Alves; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil**. Rio de Janeiro: Psicologia & Sociedade, v. 28, p. 562-571, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/qx3RY8zTvxCGDGwVwNCcznw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2022.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, p. 357-363, 2005.

GABATZ, Celso. **Reflexões sobre exclusão e vulnerabilidade social no Brasil contemporâneo**. Sociedade em Debate, v. 21, n. 1, p. 33-49, 2015.

GUARESCH, P. Relações comunitárias relações de dominação. In: CAMPOS, R.H.F. (Coord.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 66-81.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MELSERT, Ana Luísa M.; BOCK, Ana Mercedes Bahia. **Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres**. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 41, n. 3, p. 12, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/298/29841640013/html/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. **Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir** em Sívila Lane. São Paulo: Psicologia & Sociedade, v. 19, p. 76-80, 2007.

LANE, S.T.M. **Históricos e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil.** In: CAMPOS, R.H.F. (Coord.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia.** 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 15-28.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro et al. **Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social.** São Paulo: Serviço Social & Sociedade, p. 167-179, 2011.

Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/WTL3xcZ4gctQxh3tfCTszMq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2022.

NASCIUTTI, J.C.R. A instituição como via de acesso a comunidade. In: CAMPOS, R.H.F. (Coord.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia.** 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.83-102.

MOLON, S.I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Clara Scaldelai . **O Processo de Identidade de Mulheres Frente a Vulnerabilidade Social e as Políticas Públicas do SUAS.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021. Disponível em:  
<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/24440/1/Clara%20Scaldelai%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

SILVA, Janaína Vilares; CORGOZINHO, Juliana Pinto. **Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e psicologia social comunitária: possíveis articulações.** Palmas: Psicologia & Sociedade, 23 (n. spe.), 12-21, 2011. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfMzSBCwb3sMh5cShTYqLzD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RAMOS, Conrado; CARVALHO, João Eduardo Coin de. **Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária.** Psicologia & sociedade, v. 20, p. 174-180, 2008. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/9QcxxnD7cFFXf4TXMmPMRnF/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 11 set. 2022.

SCOTT, Juliano Beck et al. **O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura.** *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social.** *Psicologia & Sociedade*, v. 21, p. 364-372, 2009.

SAWAIA.B. **O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARRIERA, J.C. (coord.). **Psicologia comunitária: estudos atuais.** 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REY, F.G. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROCHA, Marisa Lopes. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** SAWAIA, BADER (ORG.). PETRÓPOLIS: VOZES, 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/viewFile/7772/5620>. Acesso em: 01 nov. 2022.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento.** *Serviço Social & Sociedade*, p. 288-322, 2012.

TELES, Inalda Maria de Sá Carvalho; LIMA, Murilo Campos Rocha. **Gestão da política pública de assistência social: Uma revisão bibliográfica em relação à vulnerabilidade social.** *ID on line. Revista de psicologia*, v. 13, n. 44, p. 1016-1024, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_. Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993. **Lei Orgânica da Assistência Social**. Brasília, DF, 1993.

VERAS, M. Exclusão social- um problema brasileiro de 500 anos. In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, Cristiane Regina; ARAUJO, Jomária Alessandra; OLIVEIRA, Cleide Pereira. **Direitos humanos, educação e desigualdade social no brasil**. *Revista Humanidades e Inovação*, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2335>. Acesso em: 19 out. 2022.

GABATZ, Celso. **Reflexões sobre exclusão e vulnerabilidade social no Brasil contemporâneo**. *Sociedade em Debate*, v. 21, n. 1, p. 33-49, 2015.

LANE, S.T.M. **Históricos e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil**. In: CAMPOS, R.H.F. (Coord.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 15-28.

FREITAS. M.F.Q. **Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia(social) comunitária**. . In: CAMPOS, R.H.F. (Coord.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.44-65.

GONÇALVES, M.G.M. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2010.

MELSERT, Ana Luísa M.; BOCK, Ana Mercedes Bahia. **Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres**. *Educação e Pesquisa: Revista*

da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 41, n. 3, p. 12, 2015.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro et al. **Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social**. São Paulo: Serviço Social & Sociedade, p. 167-179, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual**. Psicologia para América Latina, n. 1, p. 0-0, 2004.

SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VERAS, M. **Exclusão social- um problema brasileiro de 500 anos**. In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JODELET. D. **Os processos psicossociais da exclusão**. In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SAWAIA.B. **O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: SAWAIA, B. (coord.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ARTIGOS UTILIZADOS EM CITAÇÕES OU LEITURAS COMPLEMENTARES

<b>Nome do Artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
A Dimensão Subjetiva da Subcidadania: Considerações Sobre a Desigualdade Social Brasileira	Luane Neves Santos, Alessivânia Márcia Assunção Mota & Marcus Vinícius de Oliveira Silva	2013
A desigualdade Social e suas Influências na Subjetividade Contemporânea	Marcos Antônio Rodrigues Borges Alessander Freitas do Amaral	2015
A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la Psicologia atual.	Ana Mercês Bahia Bock	
Alguns Apontamentos sobre a Trajetória da Psicologia Social Comunitária no Brasil	Mariana Alves Gonçalves & Francisco Teixeira Portugal	2012
Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil	Mariana Alves Gonçalves e Francisco Teixeira Portugal	2016
As Entrelinhas da Inclusão/Exclusão Social na Atualidade: uma discussão conceitual	Elizângela Samara da Silva	
As implicações dos contextos de vulnerabilidade social no desenvolvimento infantojuvenil: da família à assistência social	Aline Juliana Nunes da Silva Rafaela Rocha da Costa Arles Monaliza Rodrigues Nascimento	2019
A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como	Késia Aparecida Teixeira Silva Mônica Carvalho Alves	2013

Possibilidade Teórico- Metodológica nos Estudos de Administração	Cappelle	
Atuação do Psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: Possíveis Articulações	Janaína Vilares da Silva Juliana Pinto Corgozinho	2007
A vulnerabilidade como impeditiva/restritiva do desfrute de direitos	Ivanilda Figueiredo Rodolfo Liberato de Noronha	2006
As Artimanhas da Exclusão: Análise Osicossocial e Ética da Desigualdade Social	Marisa Lopes da Rocha	2001
Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social	Rosa Maria Ferreiro Pinto Fátima Aparecida Barbosa de Oliveira Micheletti Luzana Mackevícius Bernardes Joice Maria Pacheco Antonio Fernandes Gisela Vasconcellos Monteiro Magda Lucia Novaes Silva Tânia Maria Horneaux de Mendonça Barreira Aparecida Favorêto Makhoul Amélia Cohn	2010
Construção Histórico-Social da Pobreza: Desnaturalização da percepção das Desigualdades Sociais	Vinicius Oliveira Seabra Guimarães	2016
Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade	Kátia Maheirie	2002

Desigualdade Social e Pobreza: Contexto de Vida e de Sobrevivência	Antonio Euzébios Filho Raquel Souza Lobo Guzzo	2008
Dimensão subjetiva da Desigualdade Social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres I	Ana Luísa de Marsillac MelsertII Ana Mercedes Bahia BockII	2015
Direitos Humanos, Educação e Desigualdade Social no Brasil	Cristiane Regina Dourado Vasconcelos Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo Cleide Pereira Oliveira	2020
Espaço e Subjetividade: Formação e Intervenção em Psicologia Comunitária	Conrado Ramos João Eduardo Coin de Carvalho	2008
Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre	Michele Poletto 1 Sílvia Helena Koller 1 Débora Dalbosco Dell’Aglío	2008
Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas	Mônica Araújo Gomes Maria Lúcia Duarte Pereira	2004
Gênese, Desenvolvimento e Redefinição da Psicologia Social: Da Separação Epistemológica ao Compromisso com a Práxis	Aluísio Ferreira de Lima	2010
Gestão da política pública de assistência social: Uma revisão bibliográfica em relação à vulnerabilidade social	Inalda Maria de Sá Carvalho Teles Murilo Campos Rocha Lima2	2019
Inclusão social e cidadania	Vicente de Paula Faleiros	2006

Intervenções Psicossociais na Comunidade: Desafios e Práticas	Soraia Ansara Bruna Suruagy do Amaral Dantas	2010
Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências	Mary Garcia Castro Miriam Abramovay	2002
O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social	Michelly Eustáquia do Carmo Francini Lube Guizardi	2017
O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial	Rafael Antônio Malagón Oviedo Dina Czeresnia	2014
O Conceito de Vulnerabilidade Social no Âmbito da Psicologia no Brasil: Uma Revisão Sistemática da Literatura	Juliano Beck Scott Caroline de Abreu Prola Aline Cardoso Siqueira Caroline Rubin Rossato Pereira	2018
O Processo de Constituição da Identidade na Adolescência: Trabalho, Classe e Gênero.	Marta Santos Sales	2012
O Processo de Identidade de Mulheres Frente a Vulnerabilidade Social e as Políticas Públicas do SUAS	Clara Scaldelai do Nascimento	2021
Os Impactos da Vulnerabilidade Social na Construção da Subjetividade	Mateus Ferreira Almeida Mike Alexander de Paula Pinto Luiz Felipe Cardoso	2021
Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento	Maria Carmelita Yazbek	2012
Processos Sociais de Exclusão e		

Políticas Públicas de Enfrentamento da Pobreza.	José Rogério Lopes	2008
Psicologia Comunitária: uma abordagem conceitual	Antonio Maspoli de Araujo Gomes	
Psicologia e Desigualdade Social: Uma Reflexão sobre a Liberdade e Transformação Social.	Bader Burihan Sawaia	2010
Psicologia Social e Comunitária e Formação Profissional	Helena Beatriz Kochenborger Scarparo Neuza Maria de Fátima Guareschi	2007
Psicologia Social e Processo Grupal: A Coerência entre Fazer, Pensar e Sentir em Sílvia Lane.	Sueli Terezinha Ferreira Martins	2007
Psicologia Social como Psicologia Política? A Proposta de Psicologia Social Crítica de Sílvia Lane Aluísio Ferreira de Lima	Antonio da Costa Ciampa Juracy Armando Mariano de Almeida	2009
Psicologia comunitária Origens, fundamentos e áreas de intervenção	José Ornelas	
Reflexões sobre Exclusão e Vulnerabilidade Social no Brasil Contemporâneo	Celso Gabatz	2014
Resiliência em Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social	Karla Rafaela Haack Josinéia dos Santos de Lemos Vasconcellos	2012

	Sílvia Dutra Pinheiro Laíssa Eschiletti Prati	
“Sem pedras o arco não existe”: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade	Aluísio Ferreira de Lima Antonio da Costa Ciampa	2017
Sílvia Lane e o Projeto do “Compromisso Social da Psicologia”	Ana Mercês Bahia Bock Marcos Ribeiro Ferreira Maria da Graça M. Gonçalves Odair Furtado	2007
Silvia Lane: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil	Esther Alves de Sousa	2010
Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural	Elis Bertozzi Aita Marilda Gonçalves Dias Facci	2011
Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social	Taynara Candida Lopes Cançado Rayssa Silva de Souza Cauan Braga da Silva Cardoso	2014
Usos da noção de subjetividade no campo da Saúde Coletiva	João Leite Ferreira Neto Luciana Kind Alessandra Barbosa Pereira Maria Carolina Costa Rezende Marina Lanari Fernandes	2011
Intervenção psicossocial com oficinas em dinâmica de grupo: reflexões sobre o fazer com grupos de crianças e de adolescentes.	Jaíza Pollyanna Dias Cruz Flávia Lemos Abade	2009
Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social	Taynara Candida Lopes Cançado	

	Rayssa Silva de Souza Cauan Braga Cardoso da Silva	2014
Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades	Claudia Lins Cardoso	2009
Identidade feminina: um conceito complexo	Juliana Eugênia Caixeta Silviane Barbato	2004
A autoestima da mulher em situações de vulnerabilidade social: reflexões a partir da prática psicológica em um projeto social	A.B. D'ávila	2019
GABATZ, Celso. Reflexões sobre exclusão e vulnerabilidade social no Brasil contemporâneo	Celso Gabatz	2015
Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sívia Lane	Sueli Terezinha Ferreira Martins	2007
Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social	Rosa Maria Ferreiro Pinto, et. al.	2011

**APÊNDICE B – LIVROS UTILIZADOS EM CITAÇÕES OU LEITURAS COMPLEMENTARES**

<b>NOME DO LIVRO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>
Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas.	Miriam Abramovay Mary Garcia Castro Leonardo de Castro Pinheiro Fabiano de Sousa Lima Cláudia da Costa Martinelli	2002
O Cortiço	Aluísio Azevedo	1980
Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros	Marco Aurélio Costa Bárbara Oliveira Marguti	2015
Saúde, Cultura e Subjetividade: uma referência interdisciplinar	Fernando González Rey José Bizerril	2015
Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em Psicologia)	Ana M. Bahia Bock M. Graça M. Gonçalves Odair Furtado	2002
Psicologia social comunitária: da autonomia à solidariedade	Regina Helena de Freitas Campos (org.) Sílvia T. M. Lane Bader B. Sawaia Maria de Fátima Q. de Freitas Pedrinho Guareschi Jaclyra C. R. Nasciutti Naumi A. de Vasconcelos Regina Helena Campos	2015
As raízes da psicologia social moderna	Robert M. Farr	2013
O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito	Fernando González Rey	2012
Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky	Susana Inês Molon	2015

O homem em movimento	Silvia T.M. Lane (org.) Wanderley Codo (org.)	2012
As artimanhas da exclusão	Bader Sawaia (org.) Mariangela Belfiore Wanderley Maura Veras Denise Jodelet Serge Paugam Tereza Cristina Carreteiro Sílvia Leser de Mello Pedrinho A. Guareschi	2014
Psicologia, subjetividade e políticas públicas	Maria da Graça M. Gonçalves	2010